

## **Reflexões sobre Socialidade nas Festas de Aparelhagem à luz de Michel Maffesoli<sup>1</sup>**

Christian Maciel REIS<sup>2</sup>  
Marcelly Borges da SILVA<sup>3</sup>  
Ibnnny Afonso Sena FERREIRA<sup>4</sup>  
William Costa da SILVA<sup>5</sup>  
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

### **RESUMO**

O artigo tensiona a percepção da socialidade em festas de aparelhagem, com foco aparelhagem Crocodilo, em Belém do Pará, usando observação participante. As festas de aparelhagem são vistas como espaços culturais que combinam lazer e atividade econômica, representando práticas sociais específicas da cidade. Maffesoli destaca a importância das redes sociais na vida contemporânea, enquanto a obra destaca a influência da comunicação e das mídias na sociedade. Por fim, observamos uma mistura de experiências sociais e midiáticas no ciberespaço, moldando as interações sociais dos atores sociais nas festas de aparelhagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** socialidade; festas de aparelhagem; redes sociais; comunicação mediada.

### **INTRODUÇÃO**

Neste resumo, propomos a reflexão sobre o conceito de socialidade apresentado por Maffesoli (2007; 1998; 1999). Tem-se como ponto de partida metodológico a observação participante realizada entre abril e dezembro de 2023, na casa de festas Point Show, periferia da cidade de Belém do Pará, ao ecossistema comunicacional que envolve as apresentações da aparelhagem de som Crocodilo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA), e-mail: christian88reis@gmail.com .

<sup>3</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA), e-mail: marcellyborges.jorn@gmail.com.

<sup>4</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA), e-mail: ibnnny.afonso@gmail.com.

<sup>5</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA), e-mail: contato.wcosta@gmail.com.

Esta escolha metodológica se justifica pela oportunidade de observar, em tempo real, as práticas de sociabilidade dos frequentadores da festa, bem como os padrões de comunicação mediada presentes arrolados ao evento festa, em que pese, a materialização do fenômeno tanto no presencial, quanto na perspectiva digital, por meio das redes sociais.

Raquel Recuero (2009) propõe uma reflexão sobre as redes sociais na Internet, destacando-as como arranjos complexos que surgem a partir de interações sociais facilitadas por tecnologias digitais de comunicação. A autora utiliza a metáfora da rede para examinar os aspectos individuais, coletivos e tecnológicos dos grupos humanos na Internet.

Ao observarmos a materialidade da festa e do uso das redes sociais neste contexto festivo, buscamos não apenas verificar as concepções teóricas do sociólogo francês Maffesoli (1998), que se debruça acerca do conceito de tribos urbanas, como um agrupamento de pessoas que se aproximam pela identificação comum a ritos e elementos da cultura, mas, de sobremaneira, os valores e estilo que lhe conferem lazer na relação espaço-tempo.

Desta forma, percebermos aspectos sobre a socialidade, mas também situá-las em um cenário empírico concreto, enriquecendo assim nossa compreensão das formas contemporâneas de interação social e sua intersecção com a comunicação mediada.

Faz-se necessário conceituarmos o que são as festas de aparelhagem. Costa (2006a) caracteriza as festas de aparelhagem como um espaço de sociabilidade suburbana das áreas periféricas da região metropolitana de Belém, representativas das práticas culturais típicas da cidade e região.

Esses eventos, segundo o autor, conjugam lazer e atividade econômica, formando um circuito festivo que ele denomina de “circuito bregueiro” (Costa, 2006a, citando Magnani, 1998). Ele entende a festa de aparelhagem como um ambiente cultural perpassado por indivíduos familiarizados com seus códigos e inseridos em um contexto histórico específico.

A festa, percebida em sua dimensão histórica e social, é uma prática que está inserida no campo dos conflitos e negociações desenvolvidos na sociedade. A festa popular, na sociedade urbana e industrial, é um fenômeno complexo que abarca mediações econômicas (empreendimentos, oferecimento de bens culturais) e políticas (sistemas de troca de interesses, conflitos por poder e prestígio) (Costa, 2006b:83).

A socialidade desafia as fronteiras entre as diversas formas midiáticas e as experiências dos sujeitos sociais imersos na mídia por meio dos dispositivos móveis que fazem parte do cotidiano, assim como o compartilhamento de suas experiências do dia e a dia, assim destacamos um olhar para as festas que ocorrem com frequência nos bairros da cidade, em que os sujeitos são atravessados e se confraternizam também pelas redes sociais, no qual estamos inseridos.

Nesse contexto, o conceito de socialidade possibilita uma análise mais aprofundada das interações sociais no contexto da cultura digital, examinando as características de seus elementos constituintes. Na produção acadêmica sobre comunicação multimídia, dois termos ganham destaque: cibernsocialidade e cultura da convergência. Enquanto o primeiro termo tem suas raízes nas reflexões recentes de Michel Maffesoli e André Lemos, o segundo, mais recente, emerge da obra de Jenkins (2009).

## **O USO DE REDES SOCIAIS DURANTE A FESTA**

É importante ressaltar que as mídias sociais constituem um conjunto de aplicativos online, moldados pelas bases ideológicas e tecnológicas da internet. Essas plataformas permitem não apenas a criação, mas também o compartilhamento de conteúdo gerado pelos próprios usuários, conforme mencionado por Kaplan e Haenlein (2010) e discutido por Primo (2012). É fascinante observar como, por meio dessas ferramentas, pessoas comuns podem disseminar relatos instantâneos, Lariscy (2009 apud Primo, 2012).

Percebemos que, durante a festa, é recorrente o uso de celulares pelas pessoas, sempre empenhadas em coletar os melhores registros do momento, seja da música mais envolvente e nostálgica, na chegada ou troca de DJ. O momento é capitaneado ainda pelo disparo de fogos de artifício, apresentação de uma mixagem diferenciada para dar destaque a algo relevante que se apresenta na ocasião que, em geral, se concentram na entrada do DJ ou no meio de alguma música mais hit, ou, quando são incentivados pelos próprios DJs.

Esses momentos são os mais propícios aos registros imagéticos, ao intensificarem a experiência dos participantes. E, como em um espaço urbano, o acesso às redes de

celulares é mais fácil e de maior disponibilidade, esses participantes se empenham em compartilhar o momento, em tempo real, em suas próprias redes sociais, tanto no WhatsApp, quando no Instagram e Facebook, marcando o local de onde está sendo realizada a festa e os perfis oficiais da aparelhagem, dos DJs responsáveis e da própria casa de show.

Desse modo, atentamos que os frequentadores do Crocodilo se engajam na produção de conteúdo digital, pelo fato de se sentirem pertencentes ao ambiente em que vivem, sentem que fazem parte desse ambiente. Essa noção de pertencimento, abordada por Breiger (1974) em relação às ações de comunicação, torna-se fundamental ao discutir os públicos-alvo ou pretendidos.

Conforme o conceito de Watts (2003, citado por Recuero, 2009), mesmo na ausência de interação direta, o indivíduo precisa ter algum ponto de contato que o aproxime de determinada situação. Esse ponto de contato deve despertar interesse para compartilhar informações, participar de grupos de discussão, comparecer a eventos, acessar endereços online, entre outras atividades que exijam proximidade e interesse, contribuindo para estabelecer processos comunicacionais.

Para Maffesoli (1998), os espaços das relações sociais da vida contemporânea devem ser contrastados aos elementos midiáticos que dão sentido às atividades que envolvem a espetacularização do corpo, o compartilhamento dos momentos. Assim sendo, a “socialidade”, como conceito, materializa os vínculos sociais, observados nas festas, na aglutinação de atores sociais por desejos comuns, na vida pulsante da música tocadas pelos DJs, pelos labirintos hipertextuais da internet e suas vibrações de sentidos, nas narrativas transmidiáticas, etc. Porquanto, no conceito de socialidade habitam os cruzamentos de distintos sentidos sobre a produção das relações sociais humanas, considerando o pertencimento como qualidade primeira do projeto revelador das práticas cotidianas.

Ainda segundo o autor, aderir às redes sociais é crucial, dada a sua fenomenal ostensividade que nos atrai para os fenômenos midiáticos, onde a atração ou repulsa são escolhas pessoais. Maffesoli discorre sobre o poder de escolha dos atores sociais ao explicitar os significados das políticas de convivência, denominando-as de socialidade eletiva (Maffesoli, 1998).

Contudo, a presença de frivolidades nas relações estabelecidas, a aglomeração de pequenas instâncias alimentadas por jogos afetivos e o tumulto caótico dos sentimentos moldam a vida cotidiana dos grupos sociais para o desenvolvimento potencial de valores alternativos. Destacam-se também os movimentos que situam a comunicação midiática contemporânea como um território de prazer, um emaranhado de contágios psíquicos coletivos que geram tribalismo, nomadismo e hedonismo, os quais são os casos dos frequentadores da festa do Crocodilo.

Maffesoli (1998) faz uma distinção crucial entre comunicação e informação. Enquanto a comunicação envolve investimentos emocionais que transcendem as simples trocas simbólicas entre os sujeitos, a informação se baseia no conteúdo e no valor funcional destinado ao receptor. Assim, o pertencimento social negociado na sociabilidade dos atores através da internet transcende os limites geográficos do nativismo, como língua, origem cultural e experiências de grupo.

É nas atividades cotidianas de interação, mediadas pela internet, que os atores sociais vão desenvolvendo novas lógicas de sentido em relação ao que comumente se considera familiar. Isso implica confrontar o insólito, onde o estranho seduz o familiar, gerando políticas de sentido que influenciam processos de identificação, reconhecimento e pertencimento. A noção de nativismo se amplia por meio das experiências de significação dos atores sociais, e a linguagem se torna evidente nas trocas simbólicas realizadas nos espaços de interação midiática, especialmente na internet.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No ecossistema que envolve a festa da aparelhagem Crocodilo, evidenciaram-se inúmeros aspectos e processos comunicativos cabendo em complexas reflexões a partir da obra e aplicabilidade conceitual de Maffesoli, principalmente em socialidade e interações sociais contemporâneas mediadas pelas redes sociais.

Nas observações, destaca-se a importância do sentimento de pertencimento e do uso das redes sociais como ferramentas que moldam e fortalecem os laços sociais em eventos culturais. Além disso, a análise reforça a relevância das teorias de Maffesoli para compreender as dinâmicas sociais em ambientes festivos e a influência da comunicação mediada na construção da identidade e das relações sociais.

Essas considerações não se limitam por uma conclusão, mas ampliam nosso entendimento das práticas sociais na era digital e destacam a necessidade de considerar as interações sociais e midiáticas em conjunto para uma compreensão abrangente da socialidade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

COSTA, A. M. D. **Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém**. Belém: UEPA, 2006a.

\_\_\_\_\_. “Festa dentro da Festa: Recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará Campos”, em: Capa 7 (2):83-100, 2006b.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução: Suzana Alexandria. 2º Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KAPLAN, Edson M.; HAENLEIN, Miguel. **Usuários do mundo, uni-vos! Os desafios e oportunidades das Mídias Sociais**. Horizontes empresariais, v. 53, n. 1, p. 59-68, 2010.

LARISCY, Ruthann Weaver et al. **An examination of the role of online social media in journalists’ source mix**. Public relations review, v. 35, n. 3, p. 314-316, 2009.

LEMOS, André. Ciberultura. **Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. 2º Ed. Porto Alegre, Sulina, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Tempo das Tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

\_\_\_\_\_. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 1997

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.